

## O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO PANDÊMICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Jael Alves da Silva <sup>1</sup>  
Elisane Barbosa de Araújo <sup>2</sup>

### RESUMO

Com as relações sociais totalmente modificadas em razão do alastramento do novo Coronavírus, sucederam-se numerosas problemáticas que irromperam nas mais diversas áreas da vida humana. Dado o cenário excepcional, o ensino remoto passou a fazer parte da rotina de uma parcela de estudantes da educação básica e do ensino superior e pela primeira vez adultos e crianças começaram a enfrentar desafios semelhantes quanto ao acesso e adaptação aos novos recursos educacionais. Ao recorrer às tecnologias da informação e da comunicação como principais aportes, as instituições de ensino, especialmente as públicas, estiveram envoltas em volumosas adversidades na tentativa de dar continuidade ao ensino e à aprendizagem. Em um período extensivo de ensino remoto, como tem ocorrido o processo de alfabetização e o letramento? Quais as principais transformações nesse processo? Como licenciados estão atuando em meio a pandemia da Covid-19? É a partir desse contexto e questionamentos que apresentaremos por meio de um relato de experiências, discussões e reflexões enquanto colaboradoras no Programa Residência Pedagógica (PRP), do Centro de Educação (CEDU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

**Palavras-chave:** Residência Pedagógica, Alfabetização, Coronavírus, Covid-19; Educação.

### INTRODUÇÃO

Com as relações sociais totalmente modificadas em razão do alastramento do novo Coronavírus, sucederam-se numerosas problemáticas que irromperam nas mais diversas áreas da vida humana. Por se tratar de uma atipicidade global, todo o mundo sofreu e ainda sofre as consequências da pandemia que estão principalmente refletidas na saúde, assim como nas relações econômicas e não obstante, provoca até os dias de hoje grande impacto no âmbito educacional. No início do ano de 2020 o Brasil sentiu graves avanços da Covid-19, o que originou a necessidade da adoção do afastamento

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [jael.silva@cedu.ufal.br](mailto:jael.silva@cedu.ufal.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [elisane.araujo@cedu.ufal.br](mailto:elisane.araujo@cedu.ufal.br);

social e a suspensão de diversos serviços na expectativa da redução da proliferação do vírus, incluindo atividades de caráter formativo. Desde então ocorrem inúmeras discussões sobre o desenvolvimento dos processos educacionais em meio ao contexto pandêmico.

Dado o cenário excepcional, o ensino remoto passou a fazer parte da rotina de uma parcela de estudantes da educação básica e do ensino superior e pela primeira vez adultos e crianças começaram a enfrentar desafios semelhantes quanto ao acesso e adaptação aos novos recursos educacionais. Ao recorrer às tecnologias da informação e da comunicação como principais aportes, as instituições de ensino, especialmente as públicas, estiveram envoltas em volumosas adversidades na tentativa de dar continuidade ao ensino e à aprendizagem.

Os anos letivos de 2020 e de 2021 nos levam refletir e levantar indagações sobre o desenvolvimento educacional no país. Em um período extensivo de ensino remoto, como tem ocorrido o processo de alfabetização e de letramento? Quais as principais transformações nesses processos? Como licenciandos estão atuando em meio a pandemia da Covid-19? É a partir desse contexto e questionamentos que apresentaremos por meio de um relato de experiências, discussões e reflexões enquanto colaboradoras no Programa Residência Pedagógica (PRP), do Centro de Educação (CEDU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

## **METODOLOGIA**

O presente estudo ocorreu no curso de nossa inserção enquanto residentes voluntárias em duas escolas Estaduais de Maceió- AL, que contemplam turmas dos anos iniciais e ensino fundamental I, a partir da articulação escola e universidade foram possíveis momentos de discussão e análise da prática docente no tocante a alfabetização enquanto processo singular que durante a fase escolar possibilita o desenvolvimento dos sujeitos.

Enquanto metodologia, o estudo se trata de um relato de experiência (GIL, 2012) enquanto voluntárias no PRP do subprojeto de alfabetização do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. Com o intuito de refletir sobre as práticas de alfabetização no contexto pandêmico que evocam novos caminhos para favorecer a aprendizagem mediada pelas tecnologias digitais, buscamos nos debruçar

sobre os aportes teóricos que baseiam o primeiro módulo do PRP para contemplar os caminhos e descaminhos nos quais se põe a prática pedagógica neste cenário atípico e desafiador.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A conjuntura suscitada pela pandemia da Covid-19 é alvo de grandes discussões e ao se tratar da educação os debates e reflexões ocorrem com voluptuosa frequência no contexto nacional. Com a adoção emergencial do ensino remoto, o sistema educacional brasileiro que já denunciava complicações agora tem em sua conta maiores demandas e reveses. Os professores e alunos da educação pública, setor no qual nos arqueamos nesta produção, desde a educação infantil ao ensino superior, estão enfrentando desafios ao encarar a proposta de educação a distância.

A EaD pressupõe o requerimento de aportes tecnológicos e professores aptos às ferramentas tecnológicas e ao modelo de ensino que muito se difere da educação presencial e, na condição de medida emergencial, a ead precisou tomar seus próprios contornos a partir de diferentes realidades no país. Na perspectiva da educação digital as tecnologias digitais da informação e da comunicação em concomitância com o papel desempenhado pelo professor e a existência de discentes ocupam a centralidade do processo educativo. Para Moreira *et al.* (2020) essa educação é “caracterizada pela conectividade, rapidez, fluidez, apropriação de recursos abertos” e “é necessário desencadear processos educativos destinados a melhorar e a desenvolver a qualidade profissional dos professores que, claramente, neste momento, foram pegos de surpresa.”

Cunha *et al.* (2020) é bastante assertivo ao discutir sobre a potencialização da desigualdade social no contexto pandêmico, especificamente no cerne da educação já que o ensino remoto não incluiu a todos, mas reforçou a exclusão de sujeitos de camadas sociais as quais não possuíam a mínima infraestrutura ou instrução para a educação digital, e de estudantes portadores de necessidades especiais ou com dificuldades de aprendizagem. Ao negligenciar estudantes, as escolas expuseram suas muitas limitações que se encontram em agravamento e por esta razão o autor pontua que

O Ensino Remoto Emergencial, implantado às pressas e sem a consideração das múltiplas realidades brasileiras ou das reais condições de efetivação, revelou o quanto os projetos e/ou as políticas educacionais precisam ser melhor planejadas e implantadas baseadas nos indicadores sociais, seja de nível nacional ou dos micro contextos escolares, a fim de evitar o aprofundamento das desigualdades já existentes no país.

Nas circunstâncias atuais nos compete não somente apontar as problemáticas, mas conceber reflexões sobre as necessidades e políticas a serem construídas a fim de reduzir com veemência os impasses e desigualdades alargados. Nos cabe salientar que este artigo não pretende direcionar ataques a professores ou tampouco à educação pública no Brasil, apenas busca ressaltar desafios e entraves que se multiplicaram com o ensino remoto e propor reflexões sobre as transformações nos processos educacionais neste contexto além de ressaltar a importância da luta pela qualidade no ensino superior e básico.

Neste cenário de inseguranças e incertezas a escola vivencia o desafio de articular-se com os estudantes para progressão do ensino, se considerarmos as problemáticas supracitadas os desafios são ainda maiores para crianças em processo de alfabetização, para além da quebra da rotina, socialização com a turma e professor as mediações para o processo de alfabetização, etapa fundamental para a compreensão do sistema alfabético de escrita precisa ser redesenhada para contemplar as especificidades deste momento (RIBEIRO, 2020).

Ademais é no decurso da aprendizagem do sistema alfabético que a criança se apropria dos conhecimentos para sua imersão em práticas sociais sejam elas orais ou escritas segundo Maciel e Lúcio (2008) destacam a importância da alfabetização, ao passo que “O ato de ensinar a ler e escrever, mais do que possibilitar um simples domínio de uma tecnologia, cria condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas”(p.16).

Neste viés, segundo Soares (2005)

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades

motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita. (p.24)

No cenário pandêmico o desafio dos professores se coloca na esteira de pensar abordagens que favoreçam a apropriação da tecnologia de representação da linguagem humana, como afirma Soares (2005) mediada pelas tecnologias digitais, recurso que desponta como possibilidade considerando o processo de isolamento social, num país onde as camadas populares não dispõem dos recursos necessários para a sua efetivação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Programa Residência Pedagógica faz parte do Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e é desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que atua com a colaboração de instituições de ensino superior e escolas em todo o país. Como colaboradoras da última edição do PRP que ainda está em vigência (2020 a 2022) passamos a acompanhar e experienciar os processos de ensino, em especial os de alfabetização, neste contexto da pandemia do Covid-19.

A vivência proposta pelo PRP que é alvo desta produção se refere ao primeiro módulo do programa que teve início em novembro de 2020 e se encerrou no mês de maio de 2021, em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e em uma escola de ensino fundamental, ambos da cidade de Maceió por via remota. Nossa atuação inicial se deu por meio da observação participativa e articulação de atividades a serem desenvolvidas com as crianças que foram planejadas com o apoio de nossas preceptoras.

No CMEI a integração ocorreu em uma turma de II período com cerca de 25 crianças matriculadas. Na condição da educação a distância a rotina consistia em atividades de encontro síncrono diário por meio da plataforma de videoconferências *Google Meet* com tempo médio de 30 min e a comunicação foi mediada pelo *app Whatsapp* na qual professora e responsáveis estavam inseridos na tentativa de manter contato e socializar atividades com as crianças a partir das orientações da docente preceptora. A atividade cuja condução incluía os residentes do programa ocorria semanalmente e em cada uma delas buscava-se manter relações de continuidade com as ações desenvolvidas pela professora com a turma.

Dentre os desafios em evidência destacamos o aspecto da participação das crianças que se tornava inviabilizada por diferentes fatores. Do quantitativo total de matriculados, menos da metade manteve frequência nos encontros síncronos tendo em vista a grande dificuldade de possuir acesso à internet ou rede bastante instável ou inexistência de conhecimento sobre o manuseio de smartphones, aplicativos e da internet por parte dos responsáveis que eram figuras primordiais para a participação das crianças nas ações planejadas. A oferta de atividades impressas foi uma opção adotada pelo CMEI para crianças sem acesso a internet e eram construídas pela unidade. Pode-se inferir, portanto, que a inexistência de uma política para o fortalecimento do acesso de crianças a aparelhos e conexões de rede alavancou a desigualdade nas formas de aprender.

A segunda escola-campo de atuação do RPR era uma escola estadual de ensino fundamental de Maceió, as atividades de observação ocorreram numa turma de 2º ano do ensino fundamental I nas aulas de língua portuguesa. Inicialmente nos debruçamos sobre os documentos oficiais, para a preparação dos residentes, no sentido de retornar as orientações aos saberes fundamentais ao processo que os alunos vivenciam e nos aproximarmos das especificidades da escola para atuação no ensino remoto.

Os contatos tanto dos residentes com a preceptora quanto com a turma aconteciam de modo síncrono, pela plataforma do *google meet*. Nas reuniões aconteciam os encontros de planejamento, orientações e apresentação da escola, professores e gestão, nestes momentos foram possíveis estabelecer um maior contato com a realidade da escola e com a dinâmica construída para a imersão na modalidade do ensino remoto e apresentação das possibilidades a serem construídas para o contato com a turma.

Segundo Ferreira e Albuquerque (2013, p. 118-119) “É importante o professor saber que ele pode associar formas diferentes de fazer e tentar, por diferentes caminhos para que seus(suas) alunos(as) aprendam.” Assim no que se refere ao contato com os alunos as aulas eram ministradas a partir do aplicativo *whatsapp*, todas as manhãs a professora preceptora enviava áudios, vídeos, imagens, jogos relacionados à atividade do dia para convidar a turma a tecer reflexões sobre as propostas para cada assunto.

A turma é composta por 22 crianças, em diferentes momentos de alfabetização que necessitam de contato com o professor para compreensão e aprofundamentos dos conhecimentos. No entanto neste percurso muitos desafios surgiram, principalmente com relação a dificuldade de acesso a internet, ausência de aparelhos celulares para que

as crianças pudessem participar de modo síncrono das aulas ou atividades propostas, por vezes o contato era realizado apenas no fim do dia quando o responsável pela criança chegava do trabalho e acessava as propostas pelo aplicativo de mensagens.

Percebemos ao longo das observações da turma, por meio da inserção do PRP nas escolas-campo, o momento desafiador que a educação se encontra, frente ao contexto pandêmico as desigualdades sociais foram acentuadas e professores, gestores e famílias buscam fazer deste momento de isolamento social por consequência suspensão das salas de aulas de momentos ricos em aprendizados, apropriação das linguagens tecnológicas digitais, formações para que os professores dialogassem com colegas no sentido de vivenciar a experiências de outras escolas, apresentar seus desafios e assim favorecer estratégias que produzissem em meio a essa realidade tão desafiadora momentos de ressignificação da prática pedagógica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir deste estudo sobre a inserção no PRP foi possível perceber os desafios e possibilidades que se põe para escolas, professores e alunos das camadas populares de Maceió com a adoção do ensino remoto em razão do contexto pandêmico e a importância de programas que aproximam os futuros docentes desta realidade que convocam a reflexão sobre os caminhos e contornos que a educação vem percorrendo. A alfabetização na pandemia suscitou a retomada da discussão dos métodos de alfabetização, a adoção de orientações que partem do recurso ao método fônico para alfabetizar e da dificuldade de acesso aos alunos em razão das desigualdades sociais que se destacam na falta dos recursos tecnológicos digitais para participar dos momentos de aula síncronas e até mesmo dos assíncronos.

O contexto atípico da pandemia acentuou os debates que envolvem a pesquisa, a discussão e a revisão do ser professor e num momento tão caótico de distanciamento do convívio da configuração da sala de aula, multiplicou-se o agravamento das desigualdades sociais e também a necessidade da reafirmação da articulação da relação família e escola. A partir dos ciclos de precariedade (RIBEIRO, 2020) que foram potencializados pela pandemia, professores ampliaram seus conhecimentos por meio das linguagens tecnologias digitais quando muitos apenas o faziam uso de modo

privado para assim ser possível o estabelecimento do contato com crianças que estão em processo de alfabetização (SOARES, 2020).

Mesmo neste cenário desafiador e permeado por transformações, com destaque ao processo de alfabetização, ainda pôde-se observar a entrada do aluno do universo da leitura e escrita sob o enfrentamento de professores, alunos e familiares de todo o Brasil para a continuidade dos processos educacionais e reforçou-se a luta pela defesa da efetivação do direito a uma educação de qualidade, que considerasse as singularidades e promovesse uma alfabetização contextualizada em meio a uma configuração que não favorece a mediação presencial, lançando mão de ferramentas como aplicativos, atividades impressas, vídeos, que buscaram chegar aos alunos para favorecer o procedimentos pedagógicos.

O conjunto de transformações necessários para atuar no contexto do ensino remoto estão para além da adoção das tecnologias digitais na sala de aula, com este “novo normal” se fez necessário uma leitura da conjuntura escolar, olhar para a realidade dos alunos, promover estratégias que dialogam não apenas com os conhecimentos que precisam ter acesso, mas construir caminhos e possibilidades de chegar a estes alunos (HOLANDA, PINHEIRO, PAGLIUCA, 2013).

Assim a pesquisa aponta que mesmo com tantas adversidades de ordem social, política, econômica, ideológica e sobretudo sanitária, em que várias vidas foram perdidas em razão da propagação do COVID-19, os professores, reconhecendo a responsabilidade social que envolve a prática docente, ampliaram discussões, apropriaram-se de linguagens tecnológicas digitais que favoreceram a ampliação do processo de ensino e aprendizagem e aproximação daqueles estudantes das camadas mais populares para assim possibilitar a aprendizagem do sistema alfabético de escrita enquanto prática social fundamental à vida em sociedade.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação.** Com senso, 2020.

EDUCAÇÃO e tecnologias digitais: ciclos da precariedade diante da pandemia. Conferência apresentada por Ana Elisa Ribeiro. [s.l., s.n], 2020. 1 vídeo (1h 33min 25



seg). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em:<  
<https://www.youtube.com/watch?v=-lfTZT7oFI>> . Acesso em 26 de jul 2021

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Sílabas, sim! Método silábico, não!**. In. Alfabetizar letrando na EJA : fundamentos teóricos e propostas didáticas / organização: Telma Ferraz Leal, Eliana Borges Correia de Albuquerque, Artur Gomes de Morais. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

HOLANDA, Viviane Rolim de. PINHEIRO, Ana Karina Bezerra. PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. **Aprendizagem na educação online: análise de conceito**. Rev Bras Enferm, Brasília, 2013.

MOREIRA, J. António; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, p. 351-364, 2020.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. LÚCIO, Iara Silva. **Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática**. In: Alfabetização e letramento na sala de aula / organização: Maria Lúcia Castanheira, Francisca Izabel Pereira Maciel, Raquel Márcia Fontes Martins – Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caderno do professor** / Magda Becker Soares; Antônio Augusto Gomes Batista. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.